



---

4.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa

8 e 9 de Julho de 2022 | Auditório ESE P.PORTO

---

# LIVRO DE RESUMOS

# Livro de Resumos

## Programa e Resumos

4.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual  
Portuguesa

# FICHA TÉCNICA

**Título** - 4.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual

**Autor** – Susana Barbosa

**Co-autores** – Estudantes do 3.º Ano do Curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa

**Comissão Editorial** – Susana Barbosa e Beatriz Pereira

**Data** – Julho de 2022

**ISBN** – 978-972-8969-58-5

**Suporte** – Eletrónico

**Formato** – PDF/ PDF/A

**Editor** – Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação

**Email** – [cilgp@ese.ipp.pt](mailto:cilgp@ese.ipp.pt)

**Website** – [4cilgp.ese.ipp.pt](http://4cilgp.ese.ipp.pt)

## Conteúdo

<b>COMISSÃO CIENTÍFICA</b> .....	<b>6</b>
<b>COMISSÃO ORGANIZADORA</b> .....	<b>7</b>
<b>4º CONGRESSO DOS INTÉRPRETES DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA</b> .....	<b>8</b>
<b>PROGRAMA</b> .....	<b>9</b>
<b>8 DE JULHO</b> .....	<b>12</b>
<b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> .....	<b>13</b>
<b>Carla Serrão, Susana Barbosa, Sílvia Alves, Susana Branco e Ana Oliveira</b>   Burnout entre Intérpretes de LGP após a terceira onda Pandémica de COVID- 19.....	<b>14</b>
<b>Ana Pinto e Bitia Oliveira</b>   O Intérprete de Língua Gestual Portuguesa no Ensino Superior: Regulação Emocional.....	<b>16</b>
<b>Neide Gonçalves, Mara Moita e Celda Morgado</b>   Numerais cardinais na Língua Gestual Portuguesa: contributos para a prática de interpretação.....	<b>18</b>
<b>Joana Silva, ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua</b> <b>Gestual Portuguesa</b>   Recomposição Conceptual da Profissão de Intérprete de LGP .....	<b>20</b>
<b>Dina Coelho e João Alves</b>   Intérprete de LGP numa Resposta Social para Idosos Surdos: Utopia ou Realidade?.....	<b>22</b>
<b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> .....	<b>24</b>
<b>Inês Peres e Rita Canaipa</b>   Caracterização da Dor em Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa em Contexto Escolar .....	<b>25</b>
<b>Mónica Maia, Susana Barbosa, Manuela Sanches-Ferreira; Miguel Santos</b> <b>e Sílvia Alves</b>   A Inclusão Escolar de Encarregados de Educação: a Visão dos Intérpretes .....	<b>27</b>
<b>Susana Branco, Maíra Ribeiro e Sara Barbosa</b>   Interpretação em Língua Gestual no teatro: da periferia ao centro do palco .....	<b>29</b>
<b>Ana Oliveira, Anabela Pereira e Susana Ambrósio</b>   Os Fatores Psicossociais de Risco do Intérprete em Contexto Educativo.....	<b>31</b>
<b>SESSÃO PLENÁRIA 1. READAPTAÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	<b>33</b>

<b>WORKSHOP 1. TRABALHO EM EQUIPA NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA ...</b>	<b>38</b>
<b>Tiago Coimbra Nogueira</b>   Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	<b>38</b>
<b>9 DE JULHO .....</b>	<b>41</b>
<b>WORKSHOP 2. PERSONAL BRANDING E IMAGEM.....</b>	<b>42</b>
<b>Raquel Soares</b>   Love People. Personal Branding & Image Consulting .....	<b>42</b>
<b>SESSÃO PLENÁRIA 2. APROPRIAÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>44</b>
<b>ORGANIZAÇÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>APOIO .....</b>	<b>49</b>

## Comissão Científica

**Liliana Duarte**

Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos

**Manuela Sanches-Ferreira**

Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

**Maria José Freires**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

**Miguel Augusto Santos**

Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

**Mónica Maia**

Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

**Mónica Santos**

Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano

**Neuza Santana**

Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra

**Orquídea Coelho**

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

**Paulo Vaz de Carvalho**

Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde da Universidade Católica Portuguesa

**Susana Branco**

Agrupamento de Escolas D. Maria II

**Susana Martins**

Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

**Tânia Martins**

Escola Secundária Alves Martins, Viseu

## Comissão Organizadora

**Susana Barbosa** – Presidente do Congresso - Escola Superior de Educação do P.PORTO

Licenciatura de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa - Escola Superior de Educação do P.PORTO

**Afonso Machado**

**Ana Gonçalves**

**Ana Neto**

**Andreia Teixeira**

**Beatriz Pereira**

**Bruna Costa**

**Diogo Rodrigues**

**Filipa Teixeira**

**Joana Pereira**

**Mafalda Ramos**

**Magali Ferreira**

**Sandra Vieira**

**Sofia Ferreira**

# 4º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa

Na linha de anteriores iniciativas, a Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto está a organizar o 4.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, que decorrerá em julho de 2022, como espaço aberto à reflexão e partilha interpares, atualização técnico-científica, e convívio e contacto com a área. O evento pretende tornar-se cada vez mais prático e interativo, tratando-se de uma oportunidade de partilhar ideias, contribuindo para a disseminação de conhecimento e a preparação do futuro.

Susana Barbosa,

Presidente do Congresso

# Programa

## 8 de julho

**08:45** Credenciação dos participantes e entrega da documentação

### **09:15 SESSÃO DE ABERTURA**

**Susana Barbosa** | Presidente do Congresso — ESE P. PORTO

**Manuela Sanches-Ferreira** | Diretora do Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED), ESE P.PORTO

**Alexandre Pinto** | Presidente da ESE P.PORTO

### **09:30 COMUNICAÇÕES LIVRES**

**Moderadora: Magali Ferreira** | Comissão Organizadora, ESE P.PORTO

**Carla Serrão, Susana Barbosa, Sílvia Alves, Susana Branco e Ana Oliveira**  
| Burnout entre Intérpretes de LGP após a terceira onda Pandémica de COVID-19

**Ana Pinto e Bitia Oliveira** | O Intérprete de Língua Gestual Portuguesa no Ensino Superior: Regulação Emocional

**Neide Gonçalves, Mara Moita e Celda Morgado** | Numerais cardinais na Língua Gestual Portuguesa: contributos para a prática de interpretação

**Joana Silva, ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa** | Recomposição conceptual da profissão de intérprete de LGP

**Dina Coelho e João Alves** | Intérprete de LGP numa resposta social para idosos surdos: utopia ou realidade?

**11:00 Intervalo**

## 11:20 COMUNICAÇÕES LIVRES

**Moderador: Afonso Machado** | Comissão Organizadora, ESE P.PORTO

**Inês Peres e Rita Canaipa** | Caracterização da dor em Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa em Contexto Escolar

**Mónica Maia, Susana Barbosa, Manuela Sanches-Ferreira; Miguel Santos e Sílvia Alves** | A inclusão escolar de encarregados de educação: a visão dos intérpretes

**Susana Branco, Maíra Ribeiro e Sara Barbosa** | Interpretação em Língua Gestual no teatro: da periferia ao centro do palco

**Ana Oliveira, Anabela Pereira e Susana Ambrósio** | Os fatores psicossociais de risco do intérprete em contexto educativo

## 13:00 Almoço

## 14:30 SESSÃO PLENÁRIA 1. READAPTAÇÃO PROFISSIONAL

**Moderadora: Mónica Santos** | Intérprete de LGP no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano

**Cátia Dias** | Unidade de cuidados continuados integrados Marta Ortigão – Castelo

**João Cunha** | Chefe da PSP

**Leonel Ferreira** | Responsável Técnico pelo desporto adaptado do município de Paredes

## 16:00 Momento surpresa

## 16:10 Intervalo

## 16:30 WORKSHOP 1. TRABALHO EM EQUIPA NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

**Tiago Coimbra Nogueira** | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## 9 de julho

### 09:00 WORKSHOP 2. PERSONAL BRANDING E IMAGEM

**Raquel Soares** | Love People. Personal Branding & Image Consulting

### 11:00 Intervalo

### 11:20 SESSÃO PLENÁRIA 2. APROPRIAÇÃO CULTURAL

**Moderadora: Liliana Duarte** | Intérprete de LGP no Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos

**Filipe Venade** | Diretor do CDHPS-FPAS

**Mariana Couto Bártolo** | Federação Portuguesa das Associações de Surdos

**Pedro Mourão** | Associação Portuguesa de Surdos

### 13:00 SESSÃO DE ENCERRAMENTO

**Sandra Vieira** | Comissão Organizadora, ESE P.PORTO

**Miguel Augusto Santos** | Coordenador da Licenciatura de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, ESE P.PORTO

**8 DE JULHO**

# COMUNICAÇÕES LIVRES

**Moderadora: Magali Ferreira** | Comissão Organizadora, ESE  
P.PORTO

## Burnout entre Intérpretes de LGP após a terceira onda Pandémica de COVID-19

**Carla Serrão** | Professora Adjunta da Unidade Técnico Científica de Psicologia da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. É investigadora integrada do inEd - Centro de investigação da Escola Superior de Educação, onde coordena vários Projetos na área da saúde. Tem mais de 100 publicações em domínios muito variados (e.g., literacia em saúde, Burnout, resiliência, qualidade de vida, igualdade de género, sexualidades, intervenção sociofamiliar).

**Susana Barbosa** | Professora Adjunta e investigadora do inEd da Escola Superior de Educação do P.PORTO. Oradora, organizadora e responsável de diversos eventos relacionados com a surdez, a língua gestual portuguesa e a profissão de intérprete, áreas nas quais conta com diversos trabalhos publicados, a nível nacional e internacional. Presidente da Direção da ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, desde 2016.

**Sílvia Alves** | Investigadora no Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) e Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Áreas de interesse; educação inclusiva, atitudes dos alunos face aos pares com incapacidades e implementação de intervenções destinadas a promover a participação social dos alunos.

**Susana Branco** | Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Exerce funções como intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 2004. Atualmente, trabalha no Agrupamento de Escolas D.Maria II (Braga), sendo também, orientadora de estágios. Elemento da comissão científica do congresso de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (2016; 2018; 2020; 2022).

**Ana Oliveira** | Doutoranda em Educação. Mestre em Ciências da Educação: Educação e Surdez, Bilinguismo e Língua Gestual. Intérprete de língua gestual portuguesa na Universidade do Porto desde 2015 e no Porto Canal desde 2019. Prestadora de serviços

técnicos e científicos no âmbito de projetos internacionais na área de surdez e surdocegueira na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. É vice-presidente da Direção da ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, desde 2016.

A pandemia relacionada com o COVID-19 causou um grande impacto na vida rotineira a que todos estávamos habituados, afetando o indivíduo nas suas dimensões familiares, sociais e profissionais (Flores & Gago, 2020).

Em Portugal, num curto espaço de tempo, observou-se um aumento exponencial dos casos, contribuindo para uma mudança inevitável nas funções desempenhadas nas diversas profissões existentes (Serrão, Duarte, Castro & Teixeira, 2021). A profissão de intérprete de língua gestual portuguesa (ILGP) não foi, assim, exceção, conduzindo a “uma mudança para a interpretação à distância” (De Meulder et al., 2021). Esta mudança repentina pode ter levado ao aumento de stress e do risco de burnout, isto é, num culminar de exaustão e de sentimentos de ineficácia (Maslach et al., 2001; Maslach & Leiter, 2016).

Nesse sentido, surgiu este estudo com o objetivo de avaliar a profissão de ILGP quanto a variáveis sociodemográficas e de bem-estar cognitivo em três dimensões de burnout: pessoal, profissional e na relação com o cliente.

Realizou-se um estudo on-line transversal, quantitativo, qualitativo e analítico para analisar situações de burnout, percepção de stress, satisfação com a vida e o impacto do COVID-19, através da aplicação de um questionário on-line a 110 ILGP. As questões abertas foram analisadas qualitativamente por meio da análise temática de modo a definir temas e subtemas.

Os resultados demonstraram a existência de burnout pessoal (59%), de trabalho (46%) e relacionado com o cliente (24%). Na perspetiva dos participantes, o contexto da COVID-19 desencadeou dificuldades relacionadas com o excesso de horas de trabalho, desequilíbrio entre vida profissional e pessoal, redução de energia e qualidade de vida, falta de recursos e literacia digital.

Concluimos, assim, que urge refletir acerca da importância da deteção precoce de burnout e na premência da adoção de estratégias que permitam gerir melhor a exaustão física, psicológica e emocional do Intérprete de LGP.

## O Intérprete de Língua Gestual Portuguesa no Ensino Superior: Regulação Emocional

**Ana Pinto** | Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa no ano de 2014, pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto e Mestre em Ciências da Educação: Educação e Surdez, Bilinguismo e Língua Gestual no ano de 2019, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Começou a sua atividade no estágio profissional no ano de 2014 e atualmente trabalha nas Faculdades de Desporto e Ciências da Universidade do Porto.

**Bitia Oliveira** | Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela ESE/IPP. Desde 2017 que exerce funções em Ensino Superior, encontrando-se atualmente a trabalhar na Universidade do Porto, nas Faculdades de Direito e Ciências. Frequentou a Pós-graduação em Ensino Especial: multideficiência e problemas de cognição da ESE/IPP. Pertence também à Associação de Surdos de Apoio a Surdos de Matosinhos como intérprete voluntária e membro dos órgãos sociais.

Embora o tema da regulação emocional tenha sido alvo de uma preocupação crescente nos últimos anos, ainda existem poucos trabalhos nesta área. De modo a contribuir para minimizar esta lacuna, partimos do conceito de inteligência emocional de Daniel Goleman para compreender de que forma é que os desafios e obstáculos provenientes do contexto de ensino superior influenciam a regulação emocional do intérprete de língua gestual portuguesa.

Tendo em conta os objetivos deste estudo situámo-nos num paradigma qualitativo na procura de valorizar a perspetiva dos intérpretes que cooperaram nesta investigação. A partir da informação recolhida por entrevista semiestruturada a oito intérpretes a exercer funções na Universidade do Porto, identificamos as suas experiências, vivências, bem como os seus receios e inquietudes, de modo a perceber como é que fatores externos influenciam a sua capacidade de gestão emocional. Posteriormente, os dados recolhidos nesta amostragem, foram analisados segundo os temas emergentes, permitindo identificar os principais fatores de risco para a regulação emocional: a frustração, o stress e angústia. Foi possível também, enumerar os quatro motivos que estão na génese desses fatores, designadamente, falta de referentes gestuais para

terminologias específicas, instabilidade profissional, falta de conhecimento sobre a surdez e o papel do intérprete e falta de condições estruturais para o exercício da sua função.

Assim, de forma a atenuar os fatores de risco e a contribuir para o bem-estar físico e emocional destes profissionais, seria necessário aumentar a sua estabilidade laboral por melhorar as suas condições contratuais e promover uma melhor organização interna que facilitasse um maior entendimento, sensibilidade e cooperação entre toda a comunidade educativa. Em suma, considera-se que a gestão emocional se revela importante neste contexto.

## Numerais cardinais na Língua Gestual Portuguesa: contributos para a prática de interpretação

**Neide Gonçalves** | Intérprete de Língua Gestual Portuguesa pela ESE|IPC em 2018, iniciou a atividade de interpretação em contexto de investigação. É atualmente intérprete de LGP na escola secundária de Amora e frequenta o Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de surdos na ICS|UCP.

**Mara Moita** | Doutorada em linguística, com especialidade em psicolinguística. Docente e investigadora no Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde e no Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa.

**Celda Morgado** | Professora Coordenadora da UTC de Ciências da Linguagem e Literatura, na ESE/IPP. Doutorada em Linguística, com especialidade em Sintaxe, e mestre em Linguística e Ensino da Língua. Desenvolve a sua atividade científica na área da linguística das línguas orais e das línguas gestuais.

A carência de estudos científicos no âmbito de diferentes níveis da gramática da Língua Gestual Portuguesa (LGP) constitui uma lacuna quer no que ao ensino-aprendizagem desta língua diz respeito, quer no que toca ao desenvolvimento eficiente da prática de tradução-interpretação. As línguas gestuais partilham estruturas morfossintáticas e sintáticas específicas da sua modalidade, observando-se estruturas que ocorrem em linearidade e em simultaneidade (Abner & Wilbur, 2017; Vermeerbergen & Leeson, 2011, e.o.).

Entre as várias línguas gestuais em que a posição do numeral cardinal em relação ao nome já foi estudada, têm sido encontradas discrepâncias entre si e relatada a flexibilidade desta ordem na mesma língua gestual. Para a LGP, Amaral, Coutinho e Delgado Martins (1994) mencionam a ordem pós-nominal do numeral como a única aceitável. Sendo a LGP uma língua viva e em evolução, volvidos quase 30 anos desde o único estudo a mencionar a ordem do numeral em relação ao nome em LGP, o presente visa contribuir, através da investigação científica em linguística, para a prática de tradução-interpretação. Os intérpretes são profissionais responsáveis pela mediação

da comunicação entre surdos e ouvintes, fazendo uso da LGP diariamente na sua prática e nos quais se prevê o domínio de duas línguas sintaticamente distintas, o principal objetivo deste trabalho é a análise do funcionamento morfossintático de quantificadores numerais cardinais no SN na LGP. Para a realização deste estudo analisaram-se dados linguísticos pertencentes ao corpus no âmbito do projeto “Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa” (Refª PTDC/LLT-LIN/29887/2017).

Como primeiros resultados, foram identificadas 31 produções (19,1%) com o quantificador numeral cardinal a ocorrer em posição pós-nominal (PÃO 1 COMER) e 131 produções (80,9%) com o quantificador numeral cardinal a ocorrer em posição pré-nominal (1 LOBO VER). Foram ainda identificadas 15 ocorrências associadas ao campo semântico “tempo”.

## Recomposição Conceptual da Profissão de Intérprete de LGP

**Joana Silva** | Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Encontra-se a exercer funções no Agrupamento de Escolas João de Araújo Correia-Peso da Régua. Colaborou com a escrita de dois artigos para os livros “Ser Intérprete de Língua Gestual Portuguesa”(2015) e “Intérprete que sou”(2019). Desde 2020 integra a direção da ATILGP.

**A ATILGP** | Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa configura-se como uma entidade sem fins lucrativos, fundamentada em princípios éticos e associativos. Direciona a sua missão para a defesa dos direitos dos/as intérpretes de LGP, não descurando a importância de potenciar a acessibilidade e inclusão social da comunidade surda.

A ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, é uma Associação representativa dos intérpretes de língua gestual em Portugal e tem incidido a sua luta na valorização e dignificação destes profissionais. Desde a sua existência que se tem envolvido ativamente na luta pelos direitos laborais dos intérpretes de língua gestual portuguesa (LGP), não descurando a importância de potenciar a acessibilidade e inclusão social da comunidade surda. Contudo, a escassez de dados sobre esta profissão é explícita, sendo que este estudo constitui um instrumento fundamental para a estatística sobre esta profissão. A opção metodológica assume um carácter quantitativo e a recolha de dados assenta na seguinte técnica: inquérito por questionário aos intérpretes de LGP a nível nacional.

Esta recolha de dados permite quantificar e caracterizar a população de intérpretes de LGP; conhecer a sua situação laboral; analisar a importância e contribuição do associativismo para a valorização destes profissionais. Foram validados 126 questionários. Estes comprovam que a população de intérpretes de LGP é maioritariamente do género feminino e jovem. É no contexto educativo que existe um maior número de intérpretes de LGP a desempenhar funções, sendo que as condições de trabalho são díspares. Dos 71 profissionais a exercer funções neste contexto, 45 efetivaram através do programa de regularização extraordinária dos vínculos precários

na Administração Pública (PREVPAP). De ressaltar que 28 intérpretes de LGP prestam serviço no ensino superior. A maioria já pertence a uma associação de profissionais da área.

Toda esta informação terá aplicação em vários domínios, nomeadamente, na regulamentação e na acreditação da profissão, na implementação de medidas de melhoria no acesso à informação e contratação destes profissionais, bem como reforçar e tornar mais sólida a luta pelos seus direitos.

## Intérprete de LGP numa Resposta Social para Idosos Surdos: Utopia ou Realidade?

**Dina Coelho** | Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Porto (2015), pós-graduada em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (2016) e mestre em Gerontologia (2022). É neste momento Intérprete na Escola Artística de Soares dos Reis e exerce a profissão também em outros contextos.

**João Emílio Alves** | Doutorado em Sociologia pelo ISCTE. Foi Pró-Presidente para a Investigação e Inovação no Politécnico de Portalegre. Atualmente é Diretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Portalegre e Coordenador da Secção Temática de Classes, Desigualdades e Políticas Sociais da Associação Portuguesa de Sociologia.

A comunidade surda, a comunidade que comunica através da língua gestual, tem alcançado alguns objetivos no que toca a uma melhor inclusão na sociedade. No entanto, com o envelhecimento populacional, qual será o futuro deste grupo de idosos com características tão específicas, que comunicam através de uma língua visual que poucos dominam, com uma história e identidade tão próprias? Em Portugal, não existe a possibilidade de a pessoa surda idosa estar institucionalizada num local onde existam profissionais capazes de comunicar em língua gestual portuguesa (LGP) ou outras pessoas surdas, o que faz com que o indivíduo surdo esteja privado da sua comunicação natural. O intérprete de LGP terá aqui lugar? A partir de uma investigação realizada no âmbito de um mestrado em Gerontologia, pretende-se com esta comunicação responder a uma área do conhecimento que carece de informação referente ao envelhecimento e à comunidade surda, identificando e mapeando as necessidades, as preocupações e as expetativas da população idosa surda face ao seu futuro e aferir a importância da existência de um intérprete de LGP em instituições para idosos.

A estratégia metodológica utilizada na investigação realizada contempla uma abordagem qualitativa, centrada na realização de entrevistas a quatro idosos surdos e respetivos filhos. Paralelamente, foi realizado um grupo focal com a participação de

representantes de diversas entidades que constituem a comunidade, visando refletir sobre o tema.

Os resultados apurados mostram as diferentes dificuldades e preocupações desta população com necessidades tão específicas. Uma das soluções para colmatar as barreiras de comunicação seria apostar na formação dos profissionais que trabalham com a população idosa e, em segundo lugar, permitir a existência de intérpretes de língua gestual em respostas sociais para idosos.

Este é o profissional por excelência que contribui para a eliminação de barreiras linguísticas e aproxima o mundo surdo e ouvinte, em diferentes áreas, nomeadamente linguístico e cultural.

# COMUNICAÇÕES LIVRES

**Moderador: Afonso Machado** | Comissão Organizadora, ESE  
P.PORTO

## Caracterização da Dor em Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa em Contexto Escolar

**Inês Peres** | Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação de Coimbra, frequenta atualmente o Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de surdos pela Universidade Católica Portuguesa. Atualmente, exerce funções como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na Escola Básica e Integrada de Arrifes- S.Miguel, Açores.

**Rita Canaipa** | Doutorada em Neurociências pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Desde 2004 que se dedica à intervenção psicológica no âmbito da dor crónica, sendo especialista em Psicoterapia na Myos, Associação Nacional contra a Fibromialgia e Síndrome de Fadiga Crónica. Atualmente, é também investigadora do Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS) onde estuda o impacto das emoções nos mecanismos da dor aguda e da dor crónica.

A profissão de intérprete de Língua Gestual revela diversas exigências em termos físicos, cognitivos e emocionais (Dean & Pollard, 2001; Woodcock & Fischer, 2008; Freeman & Rogers, 2010; Donner 2012; Bower 2015; Webb&Napier 2015). Tem sido descrita a presença de dor e elevados níveis de burnout e de ansiedade nestes profissionais (Harvey, 2003; Schwenke et al., 2014; Adigun, 2019). No entanto, a literatura é escassa quanto à saúde destes profissionais especificamente a trabalhar em contexto escolares e no ensino português.

O objetivo deste estudo foi caracterizar a presença de dor em intérpretes de Língua Gestual Portuguesa que exercem funções em contexto escolar e comparar essas queixas com as de outro grupo que trabalha no mesmo contexto (professores). A perceção de dor e a saúde física e mental foram avaliadas através de um questionário sociodemográfico e de questionários de avaliação da dor, personalidade, perceção de pensamentos negativos e perceção do estado de saúde.

A partir de um grupo inicial de 42 intérpretes avaliados, foi realizada uma análise mais detalhada comparando mais especificamente intérpretes e professores. Verificou-se

que nos intérpretes, ter menos formação e trabalhar em ciclos de estudos mais baixos estava associado a maiores queixas de dor e perceção de saúde mais negativa. Os intérpretes que apresentavam mais emoções negativas, maior sensação de desemprego e, menor abertura a novas experiências revelavam mais dor e pior perceção de saúde.

Este estudo pretende contribuir para a identificação de fatores que têm impacto na dor e na perceção de saúde de intérpretes de língua gestual a trabalhar em contexto escolar. A continuação desta linha de investigação poderá ser útil para fornecer novas pistas para a prevenção e intervenção em indivíduos em risco de desenvolver quadros de dor ou perturbação emocional no contexto desta exigente atividade profissional.

## A Inclusão Escolar de Encarregados de Educação: a Visão dos Intérpretes

**Monica Silveira Maia** | Terapeuta Ocupacional, Doutorada em Psicologia pela Universidade do Porto (2012). É Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

**Susana Barbosa** | Doutora em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem. Mestre em Educação Especial. Licenciada e bacharel em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

**Maria Manuela Sanches Ferreira** | Professora Coordenadora da Unidade Técnico-Científica de Educação Especial da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESEP).

**Miguel Santos** | Doutorado em Psicologia da Educação pela Universidade do Minho (2007). Professor na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto desde 1995. Coordenador da Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

**Sílvia Gonçalves Alves** | Concluiu Programa Doutoral em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto em 2016. É Técnico Superior 2ª Classe na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

A participação no contexto educativo de pais surdos com filhos ouvintes tem sido um assunto pouco explorado e analisado, sobretudo no que respeita à identificação e remoção de barreiras ao seu envolvimento, bem como à promoção de boas práticas nas escolas.

Há, entanto, evidências que relevam a existência de vários obstáculos nessa participação, desde logo pela inexistência de mecanismos que garantam o suporte de um intérprete de língua gestual na comunicação pais-escola. Estas restrições vividas

pelos pais surdos têm permanecido silenciadas, quer no campo político e prático – estando o âmbito da intervenção dos intérpretes em contexto escolar explorada e regulamentada apenas no enquadramento da educação bilingue dirigida aos alunos surdos -, quer em termos investigativos, onde a sua análise tem ficado circunscrita ao fenómeno de intermediação de idiomas e culturas protagonizada pelos filhos. Este projeto de investigação pretende analisar barreiras e facilitadores da participação de pais surdos na vida escolar dos seus filhos, avaliando de que modo o interprete de LGP pode apoiar a dinâmica relacional família-escola.

Tendo em vista a natureza eminentemente exploratória do estudo, implementou-se o método de grupos focais para obtenção de informação aprofundada sobre as perspetivas de 10 intérpretes de LGP com experiência de atuação nos contextos de ensino básico e secundário. A partir da análise dos resultados, discutir-se-ão principais desafios e linhas de ação política e do domínio das práticas que visem a mobilização de facilitadores da relação família-escola.

## Interpretação em Língua Gestual no teatro: da periferia ao centro do palco

**Susana Branco** | Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Exerce funções como intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 2004. Atualmente, trabalha no Agrupamento de Escolas D.Maria II (Braga), sendo também, orientadora de estágios. Elemento da comissão científica do congresso de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (2016; 2018; 2020; 2022).

**Maíra Ribeiro** | Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo; mestre em Ciências da Comunicação - Informação e Jornalismo e licenciada em Teatro. Exerceu funções de Diretora Artística do Theatro Club - Póvoa de Lanhoso (2013-2020) e atualmente é técnica superior de Cultura no Município de Braga e vice-presidente da Tin.Bra - Academia de Teatro. Desde 2006 trabalha como formadora, encenadora, dramaturga e realizadora. É coordenadora artística do projeto “Arte e Olhar - promoção da inclusão Surdos/ouvintes através do teatro”, projeto vencedor da 1ª edição do programa Partis & Art for change, da Fundação Gulbenkian e Fundação La Caixa (2021-2023).

**Sara Barbosa** | Mestrado e licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. A exercer funções como tradutora/intérprete em LGP desde 2005 em várias áreas. Atualmente, a trabalhar no Agrupamento de Escolas D. Maria II e orientadora de estágios em escolas. Oradora em palestras, seminários e autora do artigo “A Contratação do Intérprete de Língua Gestual Portuguesa nas Escolas Públicas”.

A presença do intérprete de LGP em espetáculos de teatro tem ganho algum destaque. Perante este cenário, cresce o debate sobre o posicionamento mais adequado do intérprete de modo a que toda a informação transmitida em palco seja captada pelo público surdo. De acordo com Fomin (2018), este posicionamento é crucial pois “influencia na compreensão do todo da cena e na construção dos sentidos que são gerados pelos espetadores”.

Empiricamente, sabemos que é comum o intérprete surgir num canto do palco, um pouco afastado da ação dinâmica central desenvolvida pelos atores. Todavia, ainda na ótica de Fomin, tal obriga as pessoas surdas a “fazerem uma escolha entre assistir à cena ou ao intérprete [...] correndo o risco de perderem algo importante na compreensão da narrativa”.

Por outro lado, quando o intérprete utiliza o seu corpo em cena “como mais um texto verbo-visual”, tal vai complementar o texto falado, permitindo ao público surdo assistir a um espetáculo integrado e simultâneo em duas línguas (*idem*). Alinhados a esta perspetiva, Neto & Ferreira (2020) consideram o intérprete em cena como “uma experiência estética [...] mais do que somente uma tradução que ‘comunique a mensagem’.” Corroborando tais reflexões, o espetáculo experimental “Ir Além” surge com estas características, onde a LGP é narrada, lado a lado, com o Português falado.

A realização desta encenação conduziu à elaboração de um questionário ao público de modo a compreender quais as suas perceções, refletindo acerca das suas experiências enquanto pessoas surdas e ouvintes, face a este novo papel do intérprete. Quanto ao posicionamento deste profissional, a maioria dos inquiridos declarou que prefere vê-lo como participante do espetáculo. O inquérito também trouxe à luz outros aspetos relevantes sobre o uso da LGP em cena. Esta reflexão adquire particular importância face ao trabalho necessário para garantir o pleno acesso ao teatro, sem prejuízo de escolha entre palco ou intérprete por parte do público surdo.

## Os Fatores Psicossociais de Risco do Intérprete em Contexto Educativo

**Ana Oliveira** | Doutoranda em Educação. Mestre em Ciências da Educação. Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Intérprete de língua gestual portuguesa e vice-presidente da Direção da ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, desde 2016.

**Anabela Pereira** | Professora Docente no Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro. Diretora do Curso do Mestrado em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica e do STRESSLAB. Coordenadora da especialização em Psicologia da Educação do Programa Doutoral em Educação.

**Susana Ambrósio** | Doutorada em Educação pela Universidade de Aveiro, é Investigadora no CIDTFF onde desenvolve o projeto SKG\_ON - “Science Communication within the Smart Knowledge Garden: enhancing Outreach in Education and Networking to foster the sustainability of CIDTFF’s research”.

Muitos são os fatores que influenciam o desempenho do trabalho do intérprete de língua gestual portuguesa (LGP) em contexto educativo, no entanto, considera-se importante evidenciar que a parte emocional tem uma grande responsabilidade no que respeita à relação que este estabelece com os alunos surdos. Tendo em conta que os alunos surdos almejam que o intérprete tenha atitude, profissionalismo, competências linguísticas, conhecimento e capacidade para compreender as suas necessidades, o trabalho do intérprete reveste-se de um elevado grau de complexidade, com variadas limitações e obstáculos.

Não obstante, o intérprete procura fazer face a esta complexidade através de diversas estratégias e métodos para que o seu trabalho possa apresentar uma taxa de sucesso o mais satisfatória possível. Em Portugal, não são ainda conhecidos estudos que possam dar a conhecer quais são os fatores psicossociais de risco desta profissão, pelo que a sua identificação é fundamental uma vez que estes resultam da interação entre o indivíduo, as suas condições de vida e as suas condições de trabalho, sendo

caraterísticas que afetam a saúde dos indivíduos, através de processos psicológicos e fisiológicos. A investigação que estamos a desenvolver pretende colmatar essa lacuna pelo que tem como objetivo identificar quais são os fatores psicossociais de risco no desempenho de funções do intérprete de LGP em contexto educativo. A recolha de dados foi feita através da aplicação de um inquérito por questionário online dirigido a estes profissionais, a nível nacional, em que participaram 47 intérpretes. Os dados recolhidos foram analisados através de uma metodologia quantitativa.

Como resultados desta investigação, destacam-se os fatores com elevada exposição como as exigências cognitivas, emocionais e o controlo sobre o tempo de trabalho que apresentaram taxas superiores a 50% de risco para a saúde. Com base nestes resultados, pretendemos sugerir intervenções para melhorar o desempenho da profissão e o bem-estar dos profissionais.

# SESSÃO PLENÁRIA 1.

## READAPTAÇÃO PROFISSIONAL

**Moderadora: Mónica Santos** | Intérprete de LGP no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano

**Mónica Santos** | Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela ESE|PP. Atualmente exerce funções no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano. Coautora do capítulo "Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na escola: Parceiro ou intruso?" do livro "Ser Intérprete de Língua Gestual Portuguesa". Membro dos Órgãos Sociais da ATILGP desde 2014.

**Cátia Dias** | Terapeuta da Fala pela Escola Superior de Saúde do Porto (2016). Mestre em Cuidados Paliativos pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (2019). Licenciada em tradução e interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Porto (2010). Intérprete de Língua Gestual Portuguesa no Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade (2010/11). Atualmente, a frequentar o Programa Doutoral de Bioética da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e a exercer funções como Terapeuta da Fala Paliativista na UCIP Marta Ortigão e nas Raríssimas – Associação Nacional de doenças mentais e raras.

O intérprete de língua gestual portuguesa contribui para a eliminação de barreiras de comunicação, aproximando dois mundos distintos - surdo e ouvinte (Machado, 2017). O domínio das duas línguas e das duas culturas é um elemento-chave para que possa intervir nestas duas realidades (Machado, 2017). O terapeuta da fala (TF) atua na prevenção, avaliação, intervenção e estudo científico das perturbações da comunicação humana.

A terapia da fala é indicada para indivíduos de todas as idades com ou sem patologias, tendo como objetivo central otimizar as capacidades de comunicação e a promoção da qualidade de vida dos mesmos (ASHA, 2007). Este último profissional tem sido incluído nas equipas educativas das Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos, nas Equipas Locais de Intervenção Precoce, nos Centros de Recursos para a Inclusão e nos hospitais/gabinetes de saúde/consultórios terapêuticos, atuando em conjunto com os docentes do ensino regular e de educação especial, formadores e intérpretes de língua gestual portuguesa, médicos, enfermeiros, audiologistas, psicólogos, entre outros profissionais.

Nestes contextos, o TF procura desenvolver competências comunicativas e linguísticas, em crianças e jovens, muitas vezes integrados em turmas bilingues, que têm a língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua. Relativamente às crianças e jovens com surdez, integradas nas turmas do ensino regular, o terapeuta promove o domínio do português oral como primeira língua. A envolvência deste especialista, no âmbito da surdez, impera a necessidade de dominar a LGP, essencialmente como utilizador independente.

O uso desta língua potenciará o desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas ajustadas às necessidades das crianças e dos jovens que acompanha. Os conceitos, primeiramente construídos através da LGP serão trabalhados pelo TF, de forma mais direta e efetiva. A utilização da LGP possibilita que criança com surdez

adquirir competências linguísticas e metalinguísticas, beneficiando o acesso à linguagem escrita. A LGP deve, indubitavelmente, fazer parte das competências técnicas do TF, possibilitando o estabelecimento de uma relação terapêutica mais significativa.

**João Cunha** | Licenciado em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa pela ESE P.PORTO e mestrando em Administração das Organizações Educativas. Ingressou na Polícia de Segurança Pública no ano de 2005 e no ano de 2015 ascendeu ao cargo de Chefe de Polícia. Desenvolveu vários projetos no âmbito da prevenção da violência escolar, entre eles o Projeto “Prevenir em Silêncio”. Atualmente desempenha funções no Comando Metropolitano da PSP de Lisboa, como coordenador do Programa Escola Segura e Projeto Universidade Segura.

A Polícia de Segurança Pública, tem assente nos seus valores primordiais a compreensão de que o cidadão ocupa um papel central no sistema de segurança interna, pelo que se impõe uma crescente visibilidade da Polícia e uma política de proximidade com os cidadãos, devendo as autoridades estimular a participação destes nas ações de prevenção da criminalidade. Servir o cidadão, sem exceções, apostando diariamente na formação de todos os elementos que a constituem, com contributos e faculdades que produzam a diminuição do reporte de “barreiras”, tomando por exemplo as dificuldades comunicacionais junto da comunidade surda.

Esta instituição contempla nos seus quadros de recursos humanos, elementos com as mais variadas áreas de formação académica, onde a valorização e necessidade do conhecimento da Língua Gestual Portuguesa é posta em prática diariamente, sendo imperativa formação nesta área.

Um intérprete de LGP consegue fazer a diferença positiva, não só na sua área de intervenção, como também move e sensibiliza toda uma instituição. É o caso do Chefe João Cunha, já ele intérprete de Língua Gestual Portuguesa quando ingressou nesta Força de Segurança. Assumiu desde logo, que para além sua missão baseada na política de segurança interna, despoletar e chamar a atenção dos seus superiores para um trabalho interno, necessário e urgente, para com a comunidade surda, na certeza de que o mesmo daria frutos. A mensagem de um Agente de uma Força de Segurança quando passada sem o recurso a um intérprete tem outro impacto e a PSP reagiu a este prenúncio para que a confiança da comunidade surda na sua cooperação fosse maior.

São infundas as solicitações que a PSP recebe vindas de cidadãos com deficiência auditiva, querendo esta polícia objetar de forma cada vez mais eficaz, na aposta da preparação e sensibilização dos seus Agentes, para uma melhor resposta a esta comunidade.

A PSP, apostou num plano de intervenção e prevenção junto da comunidade surda estudantil, nascendo o projeto “Prevenir em Silêncio” em 2008, que ainda hoje se encontra em funcionamento, desenvolvendo ainda ações de formação de LGP, pioneiras nas nossas Forças de Segurança, e a incorporá-las na unidade curricular de Comunicação e Atendimento, do Curso de Formação de Agentes. No ano de 2016 foi criado o primeiro curso de Língua Gestual Portuguesa para Polícias, a ser ministrado na União Europeia, através de uma plataforma e-learning.

Ser Intérprete de Língua Gestual Portuguesa não invalida ter uma outra profissão, mas similarmente enriquece e dignifica ambas, onde a readaptação profissional marcará a diferença.

**Leonel Ferreira** | Frequentou a licenciatura de TILGP na ESE – Porto de 2004 a 2008. Frequentou 3 anos em Direito na Universidade do Porto. Frequentou formações profissionais na área do fitness e na área da multideficiência. É atualmente finalista de Ciências do Desporto na Universidade do Porto. Exerce funções com responsável técnico do Desporto adaptado Municipal e integra o Grupo de trabalho para a Inclusão.

A readaptação profissional é conceito de largo espectro e amplamente diversificado na medida em que abrange diversas áreas e diferentes contextos. Este preceito pode organizar-se em ordem da conceção socio antropológica, psicossocial ou médica, conectando-se aos diversos motivos, sejam eles de saúde, competência, evolução do profissional, entre outros. No meu caso coincide com a necessidade e ambição de evolução profissional por razões de ordem socio antropológica. Contextualizando-se, neste momento exerço funções com técnico superior no município de Paredes e a minha principal função é a inclusão por via do desporto ou da prática de atividade física. Sou parte integrante de uma equipa multidisciplinar que se dedica a possibilitar estímulos pela via artística e desportiva a comunidade local de pessoas com deficiência.

Este contexto onde desempenho funções só é possível pela elástica formação que obtive no curso de Tradução e Interpretação. Esta formação superior permitiu-me obter um conhecimento profundo de contextos específicos da área da deficiência numa

construção amplamente socio antropológica, ligando-me a uma razão plena e consciente da pessoa em prol da deficiência. Esta humanização plena de intenção incutida pela formação deste curso permitiu o início de uma longa jornada, pelo que antevejo, pelos caminhos da inclusão. Ser intérprete é construir contextos e realidades linguísticas que permitem o acesso a uma porção do NÓS ao global contexto da inclusão e a sensibilização do NÓS para a inclusão em virtude de uma porção.

# WORKSHOP 1. TRABALHO EM EQUIPA NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

**Tiago Coimbra Nogueira** | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Tiago Coimbra** | Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua portuguesa. Professor Assistente do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua nas áreas de Tradução, Interpretação, no Bacharelado em Letras, habilitação em tradução e interpretação de Libras (Libras - Português- Português-Libras). Bacharel em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Mestre em Estudos da Tradução (2016) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, PGET na mesma universidade e cursa doutorado em Estudos da Tradução no mesmo programa. É vice coordenador do grupo de pesquisa COM Acesso - Comunicação Acessível da UFRGS/CNPQ e membro do grupo de pesquisa PEDITRADI- Pedagogia e Didática de tradução e interpretação.

O workshop tem como objetivo apresentar uma discussão teórico-prática sobre o trabalho em equipe de intérpretes de língua gestual/de sinais, em situações em que a modalidade simultânea é demandada, nessa modalidade, os intérpretes atuam sempre em duplas, ou seja, em equipe (PAGURA, 2010).

A apresentação concentra-se em compartilhar as pesquisas realizadas no contexto brasileiro (NOGUEIRA, 2016; 2019) e na literatura internacional sobre trabalho em equipe (HOZA, 2010) e as competências interpessoais que deve ser desenvolvida por intérpretes profissionais (KELLY, 2005). Entende-se que uma interpretação em equipe ocorre quando dois ou mais intérpretes estão responsáveis pela atividade comunicativa entre pessoas que desconhecem uma das línguas.

Os membros da equipe alternam-se nas funções durante o ato interpretativo, isto é, enquanto um está no turno da interpretação o outro está na função de apoio se mobilizando para oferecer suporte ao colega. As razões para se trabalhar em equipe são inúmeras, tais como: evitar lesões físicas por esforço repetitivo; dividir a sobrecarga de trabalho entre a equipe quando a interpretação ocorre por longos períodos; não prejudicar a qualidade na interpretação, uma vez que, devido ao intenso esforço cognitivo maior número de omissões podem ocorrer e o profissional perder a capacidade de se auto monitorar em sua produção. (GILE, 1995; QUADROS, 2004).

Exploraremos algumas das estratégias específicas ligadas à (i) preparação, estudo prévio e instrução às equipes de apoio técnico; (ii) à interpretação, quando a equipe de intérpretes precisa se comunicar e se apoiar de forma colaborativa e interdependente (iii) avaliação, quando os intérpretes buscam sistematizar as experiências de interpretação oferecendo feedback colaborativo.

Para um trabalho colaborativo e interdependente, os membros de uma equipe trabalham juntos por quatro motivos principais, são eles: (1) aliviar o outro pelo revezamento na produção do texto na língua alvo; (2) apoiar um ao outro por meio do monitoramento da produção; (3) atuar de forma interdependente durante o trabalho de interpretação; e (4) funcionar como uma única unidade, colaborando e realizando as mesmas decisões que são feitas por um intérprete que está trabalhando sozinho (HOZA, 2010).

Na fase de interpretação, recorreremos aos conceitos de Hoza (2010) sobre correções e melhorias e Nogueira (2016; 2022) que descreve sete categorias de apoios, entre os intérpretes que atuam em conferências, apresentamos a descrição desses apoios, com sua realização e as atitudes dos intérpretes, apontando os tipos de produção e as formas linguísticas para a intervenção e apoio durante a interpretação. Baseados em Nogueira (2016) delinearemos o (i) feedback com a cabeça, (ii) confirmação, (iii)

esclarecimento específico, (iv) esclarecimento contextual, (v) sugestão de interpretação, (vi) correção e (vii) complemento como formas de apoio. Além de ressaltar a posição dos intérpretes enquanto exercem o turno e como corre as atitudes para solicitação de apoio; algumas estratégias como: troca de olhares, toque no braço, além de outros gestos utilizados pelos intérpretes, são descritos na literatura e serão trabalhados.

O workshop contará com uma metodologia ativa de aprendizagem, em que os participantes vão realizar tarefas que pretendem auxiliar na compreensão dos conceitos teóricos ensinados de forma prática. Espera-se proporcionar aos participantes uma compreensão sobre a relação interpessoal e a comunicação com o outro, além incentivar o empenho individual e a confiança no trabalho em grupo, de acordo com a literatura essas são formas de se favorecer produtivamente para que o trabalho em equipe transcorra bem para que haja uma interpretação bem-sucedida, praticar o trabalho em equipe possibilita auxiliar para uma linguagem comum entre pesquisadores e profissionais, contribuindo no desenvolvimento profissional e na formação de novos intérpretes.

**9 DE JULHO**

# WORKSHOP 2. PERSONAL BRANDING E IMAGEM

**Raquel Soares** | Love People. Personal Branding & Image Consulting

**Raquel Soares** | Especialista em Personal Branding, Licenciada em Gestão de Recursos Humanos, Pós Graduada em Sistema de Gestão Integrada e Mestre em Gestão e Desenvolvimento de Recursos Humanos, com mais de 20 anos de experiência é formadora e consultora, em várias empresas nacionais e internacionais, na áreas de liderança e gestão de equipas, onde prepara líderes e gestores de equipas para trabalharem de forma mais próxima, garantindo resultados alinhados com os objetivos estratégicos. Durante a última década tem trabalhado a Imagem Profissional, como Style Coach e Consultora de Imagem Profissional, faz a gestão de Marca e Imagem de executivos, políticos, figuras públicas e profissionais de várias áreas de atuação. É Gestora da Beautiful Branding Agency, fundou a Love People. Personal Branding & Image Consulting e criou a Day by Day Agenda.

A Imagem Profissional comunica o poder da sua Marca Pessoal. Sente que a sua Imagem não comunica as suas competências? Ou que de alguma forma não está alinhada com o que quer transmitir com o mercado de trabalho? O seu estilo tem uma personalidade definida, aliás tem claramente a sua personalidade e que, ao identificar vai facilitar a escolha das peças, vai definir, direcionar a comunicação com o seu público alvo. Sente que nada que veste lhe fica bem? Sabia que pode resolver isto identificando o seu tipo de corpo, aprender a vesti-lo com os cortes adequados e descobrir as cores que mais favorecem a sua harmonia pessoal. A cor tem duas dimensões, a física e a emocional, vamos aprender qual o significado das cores que usa e como influenciar os seus interlocutores. Vamos aprender a usar a Imagem de forma poderosa em apresentações públicas, vídeos ou em televisão para que nunca mais sinta: Eu não sei o que vestir!

A Imagem Profissional é um dos pilares do processo de Personal Branding e que contribui para reforçar o posicionamento, a reputação e a comunicação da sua Marca Pessoal, este vai ser o mote deste workshop!

# SESSÃO PLENÁRIA 2.

## APROPRIAÇÃO CULTURAL

**Moderadora: Liliana Duarte** | Intérprete de LGP no Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos

**Liliana Duarte** | Licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa pela ESE de Setúbal. Concluiu o mestrado em LGP e Educação de Surdos no Instituto Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa no ano de 2009. É doutoranda em Ciências da Educação através da parceria entre a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e o ISPA. Atualmente, desempenha funções de intérprete no Agrupamento Escolas Quinta de Marrocos e em âmbito televisivo.

**Filipe Venade** | Doutor em Direito. Tem dois pós-doutoramentos na área multidisciplinar dos Direitos Linguísticos, Comunidade Surda e LGP. Membro ativo da Comunidade Surda. Desempenha atualmente os cargos de Diretor do CDHPS-FPAS e do Presidente do Me-CDPD e, além disso, desenvolve diversas atividades académicas e científicas na área de Direito e LGP.

A preservação, qualidade e valorização da Língua Gestual Portuguesa têm merecido uma atenção crescente nos últimos anos para a comunidade surda. É verdade que a Língua Gestual Portuguesa e as idiossincrasias inerentes à comunidade surda estão ganhando visibilidade, e a “popularização” em geral, nos meios sociais, culturais, televisivos e artísticos.

No entanto, (in)conscientemente, a Língua Gestual Portuguesa amalgama como instrumentalização societal para suas finalidades aparentemente legítimas e benefícios alheios desarticulando (in)conscientemente à realidade sociocultural e sociolinguística da comunidade surda, em detrimento de ser legitimamente como língua própria da comunidade surda que deve preservar autenticamente suas particularidades culturais e linguísticas. O tema da apropriação cultural (e linguística) foi frequentemente abordado a nível internacional e, muito raramente, discutido em Portugal. Sem dúvida que a apropriação cultural é um assunto altamente sensível e controverso no seio da comunidade surda em geral.

O significado da apropriação cultural é ainda polissémico e (in)determinado em função das circunstâncias concretas in casu que pode ser, aos olhos de Direito, juridicamente lícito, mas, paralelamente, pode ser eticamente censurável do ponto de vista ético-deontológico e dos valores inerentes à comunidade surda e como isto proporciona adequadamente os limites da apropriação cultural (e cultural) que não é permitido à usurpação de funções legalmente atribuídas aos intérpretes de LGP e demais profissionais na área de LGP, bem como uso indevido de imagem e entre outros exemplos, e a forma como se apresenta profissionalmente nos diversos domínios que correspondem dentro de limites legais e éticos.

**Mariana Couto** | Nascida em Setúbal e criada em Lisboa, no seio de uma família de músicos e médicos, Mariana Couto Bártolo é Surda profunda e orgulhosamente nativa em Língua Gestual Portuguesa. Médica inscrita na Ordem dos Médicos desde 2021, tem vindo a desenvolver várias formações de sensibilização para profissionais de saúde

e capacitação de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa para o atendimento e comunicação com as Pessoas Surdas no contexto de saúde. É membro da Direção da Federação Portuguesa das Associações de Surdos. Recentemente, criou a página de instagram @uma.medica.surda onde partilha o seu dia-a-dia, naquilo que considera ser uma vida perfeitamente normal e feliz, como forma subtil de eliminar o capacitismo e o preconceito em relação às Pessoas Surdas e não só.

Ao longo da história da Comunidade Surda, em Portugal e no mundo, a cultura Surda tem sido debatida em várias esferas e, como resultado, existem linhas que são invisíveis. Somente em 2003, o que as Pessoas Surdas sentiam em relação à sua identidade e à sua cultura - e consequentemente à apropriação cultural - foi transposto para o papel, pela primeira vez, através do autor Paddy Ladd, no seu livro "Understanding Deaf Culture: in Search of Deafhood". É através do compreender como a Pessoa Surda se posiciona no mundo e da empatia com esta enquanto ser cultural que se poderá aferir as linhas e as dimensões da apropriação cultural, que é um tema por si só desafiante e complexo não somente em relação à Cultura Surda, como também em muitas outras minorias culturais com representatividade própria.

Da época do oralismo até aos dias de hoje, a colonização da Comunidade Surda - da sua identidade, da sua cultura e da sua língua - ainda é uma prática que se diz ser inconsciente. Com a crescente visibilidade das línguas gestuais e da Comunidade Surda, os limites da apropriação cultural deixaram de ser claros. Uma língua pode ser separada das suas raízes culturais? E a Língua Gestual, em que patamar se coloca - é somente da Comunidade Surda ou é acessível para todos? É possível difundir uma língua gestual sem a Cultura Surda?

Inevitavelmente, o intérprete (ouvinte) de Língua Gestual Portuguesa, com o seu domínio da língua e conhecimento da cultura Surda, coloca-se na corda bamba entre a Comunidade Surda e o mundo ouvinte, considerando-se a si próprio como mediador cultural. A sua fronteira ética e o seu modus operandi, com a sua liberdade de ser e estar, coloca-o em situações sensíveis em relação a como deve atuar perante uma cultura que não é a sua por natureza, sem que ganhe o título negativo de colonizador, como foi descrito por Paddy Ladd.

Com exemplos práticos e partilha de experiências pessoais, pretende-se discutir os limites da apropriação cultural no seio da Comunidade Surda e da sua língua.

**Pedro Mourão** | Atual Presidente da Associação Portuguesa de Surdos, já tendo sido parte da Comissão Nacional de Juventude Surda como Presidente, da Liga Portuguesa de Desporto para Surdos como Vice-Presidente, da European Union of the Deaf Youth como Trainer em múltiplas ocasiões e do Comité Paralímpico de Portugal como Chefe de Missão Surdolímpica 2017. Estudou Direito na Universidade Nova de Lisboa e está atualmente a concluir a licenciatura em Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação de Coimbra.

A apropriação cultural é um tema sensível e ainda muito obscuro na Comunidade Surda portuguesa, sendo mais desenvolvido noutros países ocidentais. Devido a isso, nem os intérpretes, nem as próprias pessoas surdas geralmente conseguem discernir e concordar onde, quando e em que medida está o limite entre o que é politicamente correto e o que é desrespeitador para o património cultural que pertence à Comunidade Surda.

Primeiro, é uma questão de hierarquia de poderes, porque uma pessoa ouvinte é privilegiada face à pessoa surda, que pertence a uma minoria linguística, e muito facilmente se faz uma analogia desta temática com outras minorias, tais como a igualdade de géneros, a comunidade LGBTQIA+, as pessoas de cor, entre outros. Verificamos uma corrente na presente década que defende as minorias e procura proporcionar espaços seguros para estas, e a Comunidade Surda não fica de fora.

A pandemia veio intensificar ainda mais esta dicotomia, e recentes exemplos demonstram haver formas de verificar se a maioria da Comunidade Surda está ou não de acordo com determinados contextos e situações. Além disso, a cultura surda, enquanto conceito existente, faz com que exista também a cultura ouvinte, à qual as próprias pessoas ouvintes não têm consciência a menos que se deparem com pessoas surdas e situações que os façam explicar como é no mundo dos ouvintes, e importa ter consciência destas diferenças culturais para se perceber os limites da apropriação cultural, pois o que parece ser bom numa cultura pode não o ser noutra.

Os textos apresentados são da autoria e responsabilidade do(s) autor(es).

## ORGANIZAÇÃO



## APOIO

